



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS RISCOS DE PERDA DO CONTROLE HUMANO.

RONALDO DOS SANTOS LOPES⁶

RESUMO

O desiderato do presente artigo é fazer uma leitura da pós-modernidade e sua fome de inovação, trazendo o homem enquanto ente privilegiado (*Heidegger*) para pensar sobre as consequências da não “previsão” dos riscos que se avizinham com os avanços das pesquisas em AI`s e criação das máquinas autônomas dotadas de linguagem. Tem-se no presente artigo a ambição de investigar o perigo da relação homem/técnica e a perda do controle do criador sobre a criatura, e até que ponto esse apelo de constante inovação pode afastar o homem da sua verdadeira essência.

Palavras-chave: controle, técnica, linguagem, inteligência artificial.

ABSTRACT

The aim of this article is to make a reading of postmodernity and its hunger for innovation, bringing man as a privileged entity (Heidegger) to think about the consequences of not “predicting” the risks that come with advances in research in AI` and the creation of autonomous machines equipped with language. This article has the ambition of investigating the danger of the human / technical relationship and the loss of the control of the creator over the creature, and to what extent this appeal of constant innovation can remove man from his true essence.

Keywords: control, technique, language, artificial intelligence.

A relação do ser humano com a técnica foi e tem sido amplamente tratada pela tradição

6. Bacharelado em Direito pela FASNE. Membro do Grupo de Pesquisa Tecnociência e Pós Modernidade, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: contato@kadusantos.com.br



filosófica. O tema é objeto das mais variadas pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Não obstante seja objeto de desejo de cientistas e filósofos, parece que ainda não conhecemos bem os limites dessa relação e os riscos do seu avanço.

Pensar na relação homem/técnica e os riscos que são revelados pelos avanços nas pesquisas com inteligência artificial, requer de fato um caminho de pensamento. Um caminho em que o pensar voe, não baixo, mas elevadamente, um pensar sem limites. Notadamente o caminho do pensamento para o horizonte da nossa investigação necessariamente deve passar pela linguagem (Heidegger, 2001, p.11).

Para fins didáticos e de completude, o presente artigo se delimitará a investigar o núcleo da relação homem/técnica, seus efeitos e consequências por meio dos avanços da inteligência artificial. Nesse sentido, será trabalhado um determinado acontecimento que nos apresenta tal relação, de modo que a investigação nos revele ou nos avizinha das respostas para algumas questões, quais sejam: o que é passivo de controle pelo humano na tecnologia moderna? É possível dominar a inteligência artificial em níveis de pesquisas avançadas?

Para tal ambição teremos como linha mestra o mesmo caminho realizado por Heidegger em seu texto “A questão da técnica” que faz parte de uma compilação de várias obras do autor chamada “Ensaio e conferências” publicada em 1954. No texto ora citado Heidegger questiona a técnica moderna fazendo um paralelo com a técnica primitiva, e empreende uma investigação sobre a essência da técnica, mostrando o perigo que põe em voga o total encobrimento do ser.

Se houve um pensador que rigorosamente pensou a essência das coisas, esse mérito é todo do Martin Heidegger. A tradição filosófica pensou a questão do ser pela via de acesso do ente, compreendendo o “ser” como um conceito universal e vazio (Heidegger, 2016 p.37). Martin Heidegger a partir disso empreendeu uma investigação ontológica, e em seu refletir seria mais originária, de modo que buscou investigar a verdade do ser pela via de acesso de um ente privilegiado. O ente que todos nós somos. Dasein. O ente dotado de um privilégio ôntico-ontológico (Heidegger, 2016 p.77). Sendo assim não poderíamos tratar de uma determinada questão sem nos envolvermos em profundidade com ela.

Aqui começa a investigação acerca do tema proposto, e nesse aspecto consideramos o pensamento do Martin Heidegger (2001, p.12) quando diz: “A concepção corrente da técnica, de ser ela um meio e uma atividade humana, pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica.” Nesse aspecto Heidegger parece fazer o que a maioria dos pensadores da tradição filosófica fizeram: determinar a técnica a partir da sua função enquanto técnica, manuseio.



A técnica é um modo de manuseio do homem de trazer à existência o que antes estava no horizonte das representações mentais, forma (eidos). A forma de cada coisa para vir a ser. Portanto, é por meio das habilidades técnicas que as coisas surgem no horizonte da vida. É por isso que diz Heidegger (2001, p.12) “(...) a concepção instrumental da técnica guia todo o esforço para colocar o homem num relacionamento direto com a técnica.”

A ambição do homem é criar todo o aparato técnico e dominá-lo. Essa é a relação principal do homem com a técnica. Conhecimento, abstrações e representações no horizonte das formas, e finalmente a técnica para tornar a forma palpável no mundo sensível. A questão parece simples. No entanto, ao se tratar da pós-modernidade temos por assim dizer o que o próprio autor denominou de perigo! “Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem.” (Heidegger, 2001, p.12)

Se o homem é o criador, dono das representações mentais, e a partir da sua manualidade dispõe no mundo sensível a sua criação, por que ter medo de perder o controle?

No início do segundo semestre de 2017 veio à tona uma notícia que chocou boa parte dos pesquisadores em Inteligência Artificial. A notícia trazida pelo Digital Jornal no dia 21/07/17 revelava que os pesquisadores da FAIR (Inteligência Artificial do Facebook) uma equipe composta por cientistas e professores da Universidade Geórgia Tech, estava trabalhando no projeto para criar dois robôs com capacidade para interagir com os humanos de forma inteligível. A intenção era que os *bots* Alice e Bob, desenvolvessem habilidades para negociar um com o outro e posteriormente com os humanos.

No entanto, os pesquisadores perceberam que os robôs começaram a usar uma linguagem que apesar de ser realizada em inglês, tinha uma lógica diferente dos algoritmos pré-programados na inteligência artificial. As construções de frases, apesar de terem sido feitas em inglês, tinham uma lógica completamente diferente e ininteligível. E mesmo se utilizando de uma modelo de organização de uma linguagem diferente, Alice e Bob conseguiram otimizar as negociações entre si.

Segundo a reportagem do G1 publicada no dia 02/08/17 o professor Dhruv Batra da Georgia Tech (um dos pesquisadores da FAIR) explicou em seu facebook que a autonomia da inteligência artificial para criar a sua própria linguagem não é algo novo. Segundo o G1 Batra diz: “Enquanto a ideia de agentes de inteligência artificial terem sua própria língua pode soar alarmante ou inesperada para pessoas de fora do campo, isso é bem estabelecido como um sub-campo dentro da inteligência artificial, com publicações sobre isso feitas ao longo de décadas.”

É elementar que algo nos chame bastante atenção na pesquisa acima citada. Ao programar os padrões de linguagem nas inteligências, os pesquisadores com muita naturalidade con-



tavam com os robôs negociando dentro dos parâmetros pré-programados. Uma vez que a inteligência demonstrou autonomia, os pesquisadores preferiram não avançar no projeto.

O que de fato poderia se des-encobrir nesse espaço entre o controle do humano e a autonomia das inteligências? Será que muito mais do que perder o controle sobre a sua criação, o criador já não perdeu o controle de si?

Em ensaio intitulado *A era da Técnica*, Galimberti (2013, p.5) traz à baila a tragédia de Ésquilo, famosa tragédia Grega intitulada *Prometeu Acorrentado*. Na tragédia prometeu comete um erro que para os deuses foi considerado gravíssimo. Prometeu (pro-metis que significa aquele que pré-ver, faz pré-visão) entregou aos homens o conhecimento do fogo, de modo que a partir daí o homem poderia desenvolver aptidões por meio de outras habilidades entregue por Prometeu como: pré-cognição, ou seja as habilidade de prever perigo, necessidades e para tal desenvolver os aparatos técnicos para sobreviver.

Se pensarmos antropologicamente, o homem, em seu ser, desvela por necessidade de sobrevivência, a técnica. O problema que se segue na tragédia nos apresenta de maneira claríssima o receio dos deuses sobre o que o homem seria capaz de desenvolver enquanto tecnologia sofisticada a partir do fogo(poder), bem como das habilidades dadas por Prometeu. O receio já na Grécia antiga era de que o homem tomasse o lugar dos deuses. A criatura desenvolveria tão grande habilidade que ameaçaria o seu criador. Parece que na pós modernidade temos um cenário relativamente igual ao relatado por Ésquilo.

A autonomia das inteligências já é um fato da pós-modernidade. E no que pese as reflexões acerca de já estarmos ou não na era pós-moderna, possivelmente só nos tira a reflexão acerca dos reais perigos existentes dentro dos laboratórios resguardados com códigos secretos espalhados pelo mundo. Não se trata aqui de um pensar tecno-fóbico, mas de uma reflexão acerca dos perigos que se apresentam dentro dos laboratórios e distantes do pensar filosófico.

Agora cabe uma investigação acerca desses riscos em níveis de pesquisas avançadas. Nesse aspecto, pensemos no receio dos deuses quando Prometeu entregou o fogo ao homem. O receio transderivava um temor em relação aquilo que é perigoso. O que se apresenta como perigoso, coloca em questão o des-encobrimento de duas coisas: avanço ou retrocesso.

Provavelmente o fogo represente a linguagem para as inteligências artificiais. Na experiência realizada pelos pesquisadores da FAIR (Inteligência Artificial do Facebook) os robôs a partir de uma rede neural pré-programada desenvolveram um tipo de jogo de linguagem próprio. Não se investiga o descarte da pesquisa por não atingir o seu objetivo, mas, o que se tem é um desvelar de uma autonomia das superinteligências por meio da linguagem.



Aqui se respondem as duas primeiras perguntas, quais sejam: O que de fato poderia se des-encobrir nesse espaço entre o controle do humano e a autonomia das inteligências? Será que muito mais do que perder o controle sobre a sua criação, o criador já não perdeu o controle de si?

É elementar que a linguagem é, por assim dizer, o fogo. Na medida em que criamos relações e nos afinamos com o outro, a utilizamos. A linguagem cria realidades. É a partir da nossa compreensão de ser-no-mundo que, na interação, somos afetados pela facticidade, de modo que a partir daí abre-se para o homem todo o horizonte de compreensão do que é real. Utilizamos dos códigos de linguagem para dizer o que são as coisas e juntamente com o corpo social afirmamos que algo “é” e assim como algo “é” outras coisas também são, e o ser de cada coisa se apresenta dentro da composição na totalidade dos entes intramundanos a partir do manuseio. O que chamamos de utensílios. No entanto, cada coisa que “é”, e poderá ser, engendra sempre um sentido que descobre, e ao mesmo tempo encobre, na medida que lhe damos nome.

É justamente a condição de ser-com-outros seres que nos possibilita a capacidade de compreendermos o mundo, na medida em que também em nosso modo de ser linguagem instituímos aquilo que é significante e significado. Os utensílios se tornam em seu manuseio quando compõem a facticidade do homem dentro da arquitetura que agora é montada pelo próprio homem. De modo que saltamos de uma cosmologia para uma existência tecnológica cada vez mais exponencial. Ou “tecnocosmologia.”

Pensemos nas palavras. Elas são dadas. Em si cada palavra em relação com o homem e o seu grupo desvelam significados. Esse poder de criar e destruir representa o poder do fogo, na medida em que aquece e ilumina, também devasta. Nesse aspecto tanto o fogo quanto a linguagem em seu ser revelam perigos.

Para fins didáticos, sempre relacionaremos a tragédia de Ésquilo em Prometeu acorrentado. Prometeu não previu o que a sua ação poderia acarretar à humanidade. Desde o início da civilização o homem teve que aprender, mesmo que lhe custando vidas, depois patrimônios, a controlar o espaço e a utilização do fogo. Com o passar do tempo a inteligência humana evoluiu a ponto de trazer o fogo para espaços fechados, de maneira controlada e sempre com a previsão de controle, no caso de possíveis acidentes.

Previsão!

Será que agora nos avizinhamos da possível resposta para eventuais descontroles da criação em relação ao seu criador?

Prever eventos futuros não é algo que o homem tem como primordial. Basta lembrarmos



do desastre que ocorreu no dia 05 de novembro de 2015 (a ruptura da barragem de Mariana/MG), que até então tinha sido o maior desastre ambiental do Brasil, deixando boa parte das famílias que viviam na região sem casa e água potável. Decerto depois desse desastre o olhar das autoridades poderia ser direcionado para a “previsão” de outros possíveis desastres. No entanto, isso poderia ter acontecido, se verdadeiramente o homem pudesse ter total controle sobre tudo. (Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2019/02/09/world/americas/brazil-dam-collapse.html?action=click&module=Top%20Stories&pgtype=Homepage>>. Acesso em 10/02/2019)

No dia 25 de janeiro de 2019 o Brasil mais uma vez foi castigado pela negligência estrutural. A cidade de Brumadinho, em Minas Gerais, foi praticamente soterrada quando uma das barragens da empresa Vale do Rio Doce, rompeu. Segundo o jornal americano The New York Times, todo o prenúncio da tragédia estava exposto. Para os repórteres, a tragédia não foi uma surpresa, dadas as condições negligenciais de segurança da mineradora. (Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/06/world/americas/authorities-assess-toll-of-burst-dam-in-brazil.html>>. Acesso em 10/02/2019)

Diferentemente dos órgãos de contenção de danos no Brasil, algumas agências de estudo e criação das superinteligências estão desenvolvendo métodos que tem como desiderato a “previsão” para conter resultados inesperados. A ideia é que os criadores tenham em seu bojo um leque de possibilidades que condicione as AI`s ao seu total controle. O fato é que esse temor faz parte do homem. E apesar de presenciarmos esse modo de autonomia ainda ínfimo da inteligência artificial, é sabido que o nível de expansão dessa capacidade autônoma pode chegar a atingir em pouco tempo níveis elevados. E é justamente para isso que alguns especialistas já preveem os métodos de controle de capacidade da superinteligência. Será mesmo que onde mora o perigo, nesse lugar mora também a solução?

Ao lidar com as superinteligências com capacidade de linguagem e de graus cada vez mais sofisticados, alguns estudiosos já criaram estratégias para possíveis perigos. Nick Bostrom (2018, p.243) nos apresenta quatro métodos de controle de capacidade, a saber: métodos de confinamento, métodos de incentivo, inibição e detonadores. E aqui compreendemos o cuidado de algumas agências. A segurança é colocada como premissa quando se trata de entregar o fogo (linguagem) ao homem (superinteligência).

Entretanto, parece que na linha que divide o perigo e o avanço, o criador continua ingênuo a sua própria essência. Poderíamos tratar aqui dos aspectos éticos e morais dessa relação entre o homem e a máquina. Poderíamos nos aprofundar nesse campo, mas pretende-se limitar aos perigos umbilicalmente ligados a perda de controle por parte do criador.

Enquanto o perigo ronda o homem, ele cria artifícios para não perder o controle, e no li-



mite, destruir a inteligência que pode se rebelar. Parece que a ficção virou realidade. Em termos de métodos de controle, o homem não alcançou a maioridade quididativa. Em sua essência o homem parece brincar com o perigo nos laboratórios do mundo. Para Heidegger o desvelamento do perigo encobre uma solução que possivelmente se revela na própria essência do homem. Mesmo assim o criador olha para o mundo circundante e interpreta-o no sentido mais artificial possível.

Falemos, pois, sobre cada método de controle.

Os métodos de confinamento segundo Nick Bostrom (2018, p.244) podem ser divididos em métodos de contenção física e métodos de contenção de informação. Para o autor, o método baseado em contenção física confinaria o sistema em uma caixa, de modo que todo tipo de interação com o mundo externo fosse controlado. Uma malha de metal inibiria a inteligência de tentar manipular sinais de rádio a seu favor. Veja o que diz o autor:

Seria possível presumir, ingenuamente, que um agente sem um manipulador não é capaz de afetar o mundo externo. Mas poderia ser possível para uma inteligência de máquina, gerar ondas de rádio, ainda que não tivesse acesso a manipuladores externos, simplesmente por meio de “pensamento” (ou seja, organizando os elétrons do seu circuito em padrões específicos).

O consciente coletivo deve ter acesso aos avanços proporcionados pela tecnociência, não apenas e tão somente com livretos, matérias e *papers* distantes da cultura de cada pessoa do planeta, mas sim fazer parte da formação e do dia a dia de cada ente como parte que é do seu próprio ser, que são os avanços inerentes à condição humana.

Por esse motivo urge uma aproximação do homem comum com todos os eventos ligados a pós-modernidade que necessariamente tocam no aspecto do desenvolvimento tecnológico. Essa é a visão de Gilbert Hottois (2000, p. 6) quando afirma que:

Il faut que le développement technoscientifique soit réapproprié par la société tout entière et que les choix qui l'orientent soient faits par tous les intéressés également informés. Les choix doivent être faits à la lumière de la raison pratique qui s'exprime au fil de la discussion argumentée, universelle et libre. Il s'agit d'un idéal irréalisable hic et nunc, mais qui doit inspirer déjà et toujours nos discours et nos prises de position. Il n'y a donc aucune nécessité, fatalité ou automaticité du développement technoscientifique, seulement des décisions collectives, plus ou moins conscientes, rationnelles et sans contraintes. La philosophie sociale et politique inspirée par Apel-Habermas postule que ces décisions peuvent et doivent devenir de plus en plus rationnelles, c'est-à-dire universelles



*et respectueuses des intérêts de tous les humains.*⁷

Apesar de uma certa ingenuidade o pensamento de Hottois tem como a melhor das intenções colocar o homem no centro desse novo mundo. Não apenas como plateia passiva, mais também como articulador e apontador dos perigos iminentes que emergem com o avanço das superinteligências. A ingenuidade do pensamento de Hottois está naquilo que fora antes anunciado por Adorno e Horkheimer (*apud* Marçal, 2019, p 106): “A lógica formal foi a grande escola da uniformização. Ela ofereceu aos iluministas o esquema da calculabilidade do mundo. Essa era a ideia do iluminismo, um pensamento que, se utilizando de instrumentos racionais, pudesse com a melhor das intenções, proporcionar uma vida melhor para a humanidade.

A pergunta que deve ser feita é qual o custo dessa vida melhor. A resposta mais pertinente é dada pelo professor J.C. Marçal quando diz que:

A lógica se insere nesse jogo porque ela mesma é racional. A lógica enquanto produção no modo da técnica. Mas essa mesma lógica que mecaniza o sistema se transforma em mito. Entretanto aqui o mito objetifica a natureza e aliena o ser humano sobre o que ele acredita que tem poder uma vez que esse domínio obriga-o a se conformar com o real na medida em que este é construído por esse mesmo sistema.

Nada pode ser mais parecido com o pensamento de Hottois, na medida em que a *Ge-stell* se dá também como apelo a participação de cada pessoa para que se aproprie das informações e inovações na pós-modernidade. Essa informação já chega como entretenimento. Aqui se revela toda uma indústria que se apropriando de uma linguagem escatológica nos apresenta as inovações que darão início a uma nova era de possibilidade de uma vida melhor para a humanidade.

A construção do discurso é feita por meio de uma linguagem que toca na ambição de cada pessoa. Existe uma razão instrumentalizadora para tal. “O jogo desse sistema cria as regras para o parque humano que articula os modos de viver em estruturas pré-estabelecidas pelas mesmas regras do jogo.” (Marçal, 2019, pg. 106).

Dentro da armação o sujeito acredita estar ciente, acredita estar informado, acredita estar fazendo parte de uma verdadeira revolução e ainda acredita ser parte de um projeto

7. “O desenvolvimento técnico-científico deve ser reapropriado pela sociedade como um todo e as escolhas que o guiam devem ser feitas por todos os envolvidos igualmente informados. As escolhas devem ser feitas á luz da razão prática que é expressa ao longo da discussão apresentada, universal e livre. Esse é um ideal irrealizável aqui e ali, mas deve inspirar já e sempre nossos discursos e nossas posições. Não há, portanto, necessidade, inevitabilidade ou automatismo do desenvolvimento tecnocientífico, apenas decisões coletivas mais ou menos conscientes, racionais e sem constrangimento. A filosofia social e política inspirada por Apel-Habermas postula que essas decisões podem e devem se tornar cada vez mais racionais, isto é, universais e respeitadas ao interesse de todos os seres humanos”. (Tradução livre).



de um bem maior. Nessa condição toda, sua atenção se volta para a razão, para a lógica de todas as coisas, a tecnociência e o seus avanços, menos para o perigo. Essa entrega à revelia dos possíveis riscos pode ser enxergada como um desejo de autoafirmação. A vontade de poder. Forças que lutam entre si a fim de se sobrepor umas as outras pensando numa perspectiva nietzscheana.

Vale o olhar romantizado da vontade de poder de Nietzsche, compartilhado por Luc Ferry, que diz que a vontade de poder “É a vontade que quer intensidade, que quer evitar a qualquer custo os dilaceramentos internos[...]” (FERRY, 2006, p. 221) nesse aspecto a vontade deve ser realizada a “qualquer custo” independente de qual custo seja. Mesmo que o preço seja a vida humana. Será que a vontade de potência já nos revela o perigo que habita a essência do homem?

Cabe aqui, antes de investigarmos o perigo que ronda o homem pós-moderno e a sua relação com a técnica, tecer certa crítica ao racionalismo. No dizer de Marc Halevy (2008, p. 119) “A racionalidade é incapaz de vida! Porque a vida é plenamente complexa e irreduzível e a razão só pode ser linear e redutora.”

Pensar na complexidade também nos avizinha do perigo que os avanços em inteligência artificial podem encobrir. Para tal é necessária uma aproximação sutil sobre o que significa a teoria da complexidade. Na medida em que o homem começa a submeter a natureza a testes, e assim descobrir possibilidades de uma compreensão imediata, tem-se o advento do que se denominou ciência moderna. Desde o pensador Aristóteles até Descartes, que formulou metodologicamente o caminho para se chegar a razão, que ainda hoje tem-se como certeza que é possível compreender o todo pela simples explicação das partes.

Ao tratar do pensamento de Edgar Morin, e de modo muito bem elaborado, Everilda Brandão Guilhermino destaca como a teoria da complexidade proporciona um alargamento da visão antes pragmática e reducionista.

A partir das suas reflexões foi possível entender algumas premissas que determinam a visão humana sobre si mesma e as consequências produzidas nos modelos de apropriação que ao longo do tempo regularam o poder do ser humano sobre as coisas. O método proposto pelo autor foge do reducionismo, tanto que considera o todo sem a parte, como a que considera a parte sem o todo. (Guilhermino, 2018, p. 21- 22)

Em fina sintonia com o pensamento acima formulado sobre a teoria da complexidade, de pronto surge a necessidade de olhar o fenômeno que se dá nessa relação homem/técnica numa perspectiva complexa que, não obstante apresente um simulacro simplório de uma realidade inovadora, tem-se ainda um perigo que assombra essa relação.



Se ao olhar para a tecnociência o homem já se reconhece como criador, podemos então afirmar que o perigo reside não na técnica enquanto tecnicidade, mas tão somente na essência do próprio homem. Na *Ges-tell* tem-se o apelo que imperativamente conduz o homem a produzir inovação. O principal problema que se apresenta ainda como resquício de uma modernidade amorfa é que “[...] a ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador)”. (Morin *apud* Guilherme, 2018, p. 22)

As articulações devem se dar para além da lógica cartesiana. Isso porque existe aquilo que é desconhecido quando a interconexão se dá. Quando a interação se efetiva dentro da complexidade. A teoria da complexidade pode ser facilmente compreendida quando Marc Halevy lançando mão de uma analogia com um poema de Rimbaud, Baudelaire ou qualquer outro poema assegura que:

Muito mais do que a simples justaposição das letras que o compõe, o texto contém uma propriedade que nenhuma delas possui: o sentido. O analítico contenta-se em reconhecer as letras e soletra-las, mas passa longe do essencial: o sentido do poema, seu alcance sua emoção, sua música, suas imagens etc. (Halevy, 2008, p. 44).

Pergunta-se então: que tipo de propriedade emergente poderá surgir da relação homem/técnica? Até então o que temos como resposta ainda está encoberta. No entanto, a resposta para essa questão não encontrará lugar aqui. Mas, um questionamento urge na mesma velocidade da inovação: o que tem feito o próprio homem para conter o seu próprio ímpeto de se tornar Deus? Essa pergunta marca um encontro com esse homem que deseja se tornar o deus da terra.

Talvez o traço principal da modernidade e pós-modernidade seja a divindade terrestre. A necessidade de ter atributos que são exclusivos das divindades marca a atual época que vivemos. Evitar a velhice, superar a morte, dizimar a dor e o sofrimento, e controlar absolutamente tudo. O que fez o homem desde o descobrimento da técnica primitiva foi aprimorá-la. Segundo Yuval Noah Harari “No futuro, pode tratar-se mais de aprimorar o corpo e a mente humanos ou de nos fundirmos diretamente com nossas ferramentas.” (HARARI, 2015, p. 51).

A técnica será cada vez mais aperfeiçoada, e eclodirá numa existência que provavelmente ainda não chegue a nossa imaginação. Decerto o caminho que estamos trilhando precisa de reflexão. Os laboratórios precisam ser visitados. Para Yuval Noah Harari (2015, p.55) assim que a tecnologia adentrar nos ínfimos meandros da reengenharia da mente humana será o fim do *Homo Sapiens*.



Martin Heidegger (2008 p. 128) dá sinais de que o perigo da técnica já não é mais a sua principal questão, quando se trata de discutir quem é o senhor da técnica ou se a técnica tornou o homem escravo. Para o autor da floresta negra essa questão se tornou superficial “[...] porque ninguém se lembra de perguntar acerca de que tipo de homem é unicamente capaz de produzir a “dominação” da tecnologia”.

É possível que o temor que atravessa a essência do homem em relação à técnica não se apresente em sua totalidade, uma vez que o próprio criador está imerso nas suas ocupações. Na era da inovação, existe uma maratona que é absurdamente financiada por grandes empresas que desejam, ano após ano, chegarem ao pódio no quesito “empresa inovadora”. É também possível que o fogo enquanto figura de linguagem, da linguagem aprendida autonomamente pelas superinteligências, se dê como desvelamento da ambição do homem que ao esquecer do seu ser, ou poeticamente da sua humanidade, se entregue a *Ge-stell*.

No limite, o que lhe vem como apelo de sentido em sua armação é sobretudo o apelo a considerar o avanço tecnológico como uma necessidade de se reinventar na velocidade que lhe evite o risco de cair na obsolescência. Assim, na pós-modernidade, o homem negligencia o perigo e se entrega a criar sem prever. O descobrir das possibilidades desse chamamento do homem a produzir inovação coloca-o no horizonte do perigo, na medida em que todo des-encobrimento encobre algo.

A previsibilidade em relação aos avanços das pesquisas em inteligência artificial é imperativa. Não se pretende com isso coibir as pesquisas em níveis avançados. O que se busca é a previsão, também em níveis avançados, de modo que aquele que está na *Ge-stell*, num dado momento se veja como parte de uma engrenagem que em sua essência encobre o perigo.

O poeta grego Píndaro mostra claramente que é no perigo que o homem atemorizado se reconcilia com a sua essência, de modo a alegrar-se pensando sobre o possível mal maior que pode evitar ao prever o perigo, antes presente pelo fato de negligenciar o apelo da sua essência. “Mas o temor dispõe o homem para o desabrochar da essência e a alegria o dispõe para o pensar prévio [...]” (Heidegger, 2008, p.111)

Nesse aspecto o temor deve ser desvelado no ser do homem pós-moderno, que “nos dispõe a pensar, antecipadamente, o que dispõe à essência do homem em relação aos entes como um todo” (Heidegger, 2008, p.112).

Por fim Martin Heidegger (2008 pg. 182) acena para a salvação da essência do homem ao dizer “A essência do homem, não apenas do ser humano individual em seu destino, só será salva se o homem, e na medida em que o homem escutar, como ente que é, a saga



do encobrimento. Pois somente assim é que poderá seguir aquilo que o descobrimento do descoberto o próprio descobrimento em si exige e requer de sua essência.”

Diante do caminho que trilhamos até aqui podemos formular algumas questões, quais sejam: será que o perigo mora na essência da técnica? Já entendemos que não! Poderá o perigo residir na autonomia das superinteligências? Parece-nos que sim, no entanto, essa resposta carece de mais investigações. Será que o perigo fez morada na essência do homem? Aqui nos avizinhamos de uma possível resposta.

A resposta mais indicada seria na sempre e constante falta de previsibilidade do homem diante da nuvem que lhe encobre os olhos diante do seu próprio ser.

REFERÊNCIAS

BOSTROM, Nick. Superinteligência: caminhos, perigos e estratégias para um novo mundo. Darkside: Rio de Janeiro, 2018.

FERRY, Luc. Aprendendo a Viver. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2006.

GALIMBERTI, Umberto. O ser Humano na Era da Técnica. Unissinos. *Cadernos IHUideias*. Ano 13, numero 2018, vol, 13, 2015.

GUILHERMINO, Everilda Brandão. A Tutela das Multititularidades. Lumen Júris, 2018.

HARARI, Noah, Yuval. Homo Deus: Uma breve história do amanhã. Companhia das letras: São Paulo, 2015.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Vozes: Rio de Janeiro, 2016.

_____ Pensamento humano. Parmênides. Vozes: Petrópolis, 2008.

_____ Ensaio e conferências: A questão da técnica. Vozes: Rio de Janeiro, 2002.

HOTTOIS, Gilbert. La technoscience: entre technophobie et technophilie. Mission: France, 2000.

J.C. MARÇAL. Pós Modernidade e Tecnociência. In Filosofia do Virtual: reflexões filosóficas acerca da internet. Fi, 2019.

Inteligência artificial que criou linguagem própria <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/570186-facebook-desativa-inteligencia-artificial-que-criou-linguagem-propria#> (Pesquisa realizada dia 29/05/2019)